



SEGUINDO BARRAGENS: A ITINERÂNCIA DE UM CONTINGENTE MASCULINO

Priscila Pavan Detoni ¹
Henrique Caetano Nardi ²

Introdução

A itinerância de um contingente masculino é elemento fundamental dentro da construção de usinas hidrelétricas. Percorrendo um canteiro de obras no oeste catarinense foi possível compreender e interrogar as performances masculinas neste lugar. Para a realização desta construção ocorreu a mobilização de 90% de homens, sendo que 2000 deles permanecem alojados na cidade temporária montada para esta construção. Este local configura-se sendo predominantemente de homens, com um fluxo intenso de pessoas conforme o período e a atividade laboral que exercem, em especial ligadas à construção civil. Neste ramo predomina o masculino, por que este confirma os atributos que o constituem na nossa cultura, como dar conta do trabalho “pesado” e arriscado. As diásporas enfrentadas por estes trabalhadores, majoritariamente nordestinos, são (re) conhecidas como o ato de “seguir barragens.” Por isto, eles são chamados de barrageiros, em especial no sul do país, o que traz em si um caráter performático. Pois, o termo amalga um conjunto de estigmas produzidos em torno destes trabalhadores, como a instabilidade da sua condição de vida, o que supostamente evidenciaria ou promoveria vulnerabilidades sociais, marcadas por uma trajetória generificada e ao mesmo tempo, uma relação de pertença entre eles.

Esta pesquisa se deu durante a dissertação mestrado, a mesma buscou descrever e problematizar o contexto da construção das performances masculinas de trabalhadores que ficam alojados em um canteiro de obras para a construção de uma usina hidrelétrica no oeste catarinense, no Sul do Brasil. Afinal, a construção destas obras implica nos deslocamentos geográficos destes trabalhadores e não fala só da construção civil, mas de um processo de construção das próprias masculinidades.

Pensando esta construção faz-se necessário pensar nas performances da masculinidade e na produção de corpos generificados que têm sido produzidos dentro dos jogos de verdade de nossa época (BUTLER, 2003, 2004), a partir do dispositivo da sexualidade (FOUCAULT, 1988), o qual

¹ Psicóloga, Mestre em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul e colaboradora do NUPSEX – Núcleo de Pesquisa em Relações de Gênero e Sexualidade.

² Professor da UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul e coordenador do NUPSEX – Núcleo de Pesquisa em Relações de Gênero e Sexualidade.



agencia os processos de subjetivação como um conjunto de práticas que produz indivíduos, discursos, identidades de gênero e sexuais. A emergência do dispositivo da sexualidade produziu o enquadramento de práticas que se conectam a uma identidade, o que cria condições de possibilidade para que estes homens trabalhadores façam experiências de si e se enunciem dentro de uma cidade de homens, ou seja, de sujeitos produzidos numa experiência localizada e histórica.

O estudo é baseado centralmente em Michel Foucault e Judith Butler. A metodologia foi guiada pela abordagem etnográfica e análise das formações discursivas. O corpus foi constituído basicamente por observações de campo e entrevistas. A pesquisa buscou descrever como são (re – des) construídas estas subjetividades masculinas, desde o processo de mobilização para a vinda e instalação destes trabalhadores, a composição da cidade temporária instalada no canteiro de obras até o processo de desmobilização.

Itinerância: ser barrageiro e seguir barragens

A precarização das condições de vida faz com que famílias inteiras tomem um movimento itinerante de ir seguindo estas obras, o que é chamado pelos trabalhadores de – “*Seguir barragem*”. Finda uma obra, eles seguem para outra, geralmente de uma usina hidrelétrica ou de outro ramo da construção civil.

A maioria dos homens que vêm para trabalhar na obra é trazida por ônibus agenciados por um recrutador da construtora no nordeste ou através do SINE (Sistema Nacional de Empregos), em especial dos estados do Piauí e do Maranhão, onde o nível de desemprego e as condições socioeconômicas impulsionam a busca de sustento em outras regiões. Por isso, estes nordestinos representam 60% do total dos trabalhadores/as desta obra, mesmo ela estando localizada na região Sul do Brasil, no oeste de Santa Catarina.

O perfil da maioria dos/as trabalhadores/as se caracteriza por ser de homens de baixa escolaridade, a maioria casados e egressos da região norte-nordeste do Brasil, como já relatamos. Eles costumam se organizar nos alojamentos conforme a afinidade e por se conhecerem de outras obras, mas o fator mais importante para tal organização ainda se refere a seus estados (locais) de origem. A partir daí, pode-se perceber como as divisões territoriais organizam as populações e subjetivam estes trabalhadores, ainda que eles estejam literalmente fora dos lugares delimitados pelas regiões e estados do País.

Existe também uma lógica de que os nordestinos procuram e permanecem neste tipo de trabalho pesado por que “aguentariam mais”, por trazerem em sua história de vida uma série de



dificuldades que fariam com que fossem supostamente mais resistentes. Suportar o trabalho duro mostra-se também um atributo ligado à virilidade, o que faz com que este trabalho seja reconhecido como majoritariamente de homens, tanto que são denominados no masculino, como barrageiros

Ocupar um lugar itinerante que por vezes se configura numa posição “marginal” da constituição desta população de trabalhadores/as, o que traz no seu cerne um sentido pejorativo, em que as pessoas que constroem este tipo de obra são interpeladas – “os barrageiros”. A nomenclatura de chamar estes construtores de barrageiros, segundo uma família nordestina que acompanha as obras da construtora há 30 anos, é um costume da Região Sul, pois como poderiam eles ser só barrageiros, se também construíram pontes e reconstruíram cidades, tanto no Brasil como em outros países. Se por um lado eles aceitam a designação barrageiros, por outro a tratam com deboche, como forma de rechaçar os estigmas colados a esta insígnia e de lidar com a pejorativização que os identifica naquele lugar.

Desta maneira, a denominação “barrageiros” também traz em si um caráter performático (BUTLER, 1993, 1997), pois amalgama um conjunto de estigmas em torno destes trabalhadores, como se todos tivessem as mesmas características que não só o trabalho na obra, mas também a instabilidade da sua condição de vida marcada pela característica do trabalho pesado/braçal e o não compromisso e cuidado com o lugar que temporariamente habitam.

Quando na região próxima à obra acontece algum ato de vandalismo e/ou violência, os moradores locais atribuem toda desordem aos barrageiros. Tudo que acontece supostamente de ruim eles se olham e dizem rindo: “*Quem fez isto? Os barrageiros! Foi os barrageiros, por que é sempre os barrageiros. Só pode ter sido um daqueles barrageiros.*” (*Diário de Campo*).

As atribuições negativas contidas na designação destes trabalhadores fazem com que eles tomem um a defesa do outro perante pessoas que não são de seu grupo e até ironizem esta condição marginal. Ao mesmo tempo, incitam-os à conquista de novos espaços, como os que reivindicaram na saúde pública durante o tempo em que acompanhei diretamente o campo de pesquisa.

O estigma em relação aos “barrageiros” produz o difícil acesso deles às Unidades Básicas de Saúde do Sistema Único de Saúde (SUS) dos municípios locais, bem como ao recebimento de medicamentos e preservativos. Este processo de exclusão é decorrente de um entendimento equivocado da chamada “regionalização” do SUS, o qual teria como prioridade a população local e não a itinerante. Tudo isso converge para aumentar a vulnerabilidade do ser “barrageiro”, como se eles não fizessem parte da população. Afinal, sua origem não é de nenhum dos municípios do



contorno da obra e estes corpos/estas vidas são tratados/as como passageiros/as, pois seu destino é “*seguir barragem*”.

E, escolhe-se quem deve ser privilegiado com a saúde/a vida: os poderes reguladores de uma estrutura binária (oposição entre o corpo social e quem trabalha pelo Estado) perpassam a sociedade e reinstalam a contra-história que deu origem ao racismo (FOUCAULT, 2002). Os discursos biológicos/racistas propõem a necessidade de se defender a sociedade contra os perigos de uma raça mais fraca, por isso elimina e segrega, como forma de normalizar a sociedade. Os barrageiros, ao mesmo tempo em que são úteis enquanto força de trabalho, não recebem a legitimidade plena de cidadania perante o Estado por não estarem situados dentro de um lugar circunscrito.

Não somente os considerados peões da construção civil ou os homens tomam o atributo de barrageiros para si; também os/as profissionais que seguem o itinerário das barragens o fazem, como podemos corroborar com a existência de comunidades em sites de relacionamentos com títulos - inclusive dando um espaço ao feminino na linguagem - como: “*Sou barrageiro; Sou barrageiro(a) sim, e daí!!*”.³

“*Seguir barragem*” significa manter este emprego indo da construção de uma obra para outra, o que representa uma estabilidade para estes/as trabalhadores/as face à instabilidade da sua itinerância de trabalho. A maioria deles/as contabiliza o número (de anos) de trabalho nas obras, e quanto maior o tempo em que permanecem na construtora, maior costuma ser a credibilidade no trabalho e a possibilidade de crescimento hierárquico no desempenho de funções, como vai se construindo um currículo e também uma rede de relações com outros homens que são considerados amigos, companheiros e até da família.

Marcas de uma trajetória generificada

Estas trajetórias são generificadas por que vêm marcando um percurso feito por homens há anos para a construção civil de grandes obras, contudo a presença de mulheres tem se intensificado, o que pode desestabilizar a ideia inicial que tive na pesquisa de pensar o canteiro de obras como a casa de homens baseado em Welzer- Lang (2001). Mas ainda podemos falar de uma obra masculina e de uma construção das masculinidades não estável, mas marcada pela nossa época e pelos atributos que se esperam da virilidade, que são traçadas pelo lugar do grupo destes trabalhadores, através das hierarquias que eles estabelecem no trabalho, na organização dos alojamentos e também

³ Essas comunidades expressam como essa nomenclatura vem se incorporando a estes/as trabalhadores/as. Dos sites: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=5149157>, <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=2412991>.



sobre os que são considerados os “*mais machos*” e os “*menos machos*” que designa uma posição principalmente associada às atividades sexuais e ao ariscar-se no trabalho.

Contudo, a cidade de homens, que compõe o canteiro de obras, mostra a necessidade de uma separação entre o lugar de trabalho e moradia do local para o exercício da sexualidade, não sendo permitidas práticas eróticas ali. Os alojamentos são organizados pelo sexo, pela lógica de pensamento ser a de que pessoas do mesmo sexo não deveriam sentir desejo umas pelas outras; diferentemente da arquitetura de uma vila de trabalhadores, que é montada em obras que envolvem maior número de pessoas, onde as famílias podem circular, conforme mencionaram alguns trabalhadores que já passaram por esta experiência, conforme fica expresso nesta entrevista:

[...] É que quando eu morava nas casas da vila, o pessoal falava mal de alojamento e eu não tava nem aí. Tranquilo, nas casas da vila, bom demais. E hoje quando vai fazer 30 anos que eu trabalho na [Construtora]⁴, eu nem acredito, passô rápido demais.

O tempo de trabalho e as formas de organização destes homens mostram que este é um espaço significativo que diz sobre formas de ser homem, mesmo que nem todas as construções e práticas masculinas possam emergir nos enunciados de forma uniforme no que tange às masculinidades.

Neste espaço de itinerância destes homens interpelados como *barrageiros*, acompanhados por esta pesquisa as análises compuseram-se por elementos que tomam eixos os elementos fundamentais da edificação destas masculinidades itinerantes – a atividade sexual; a relação com a prostituição; o trabalho pesado e arriscado ligado à construção civil; a convivência nos alojamentos; a relação com as famílias; a corporalidade, e as relações de amizade/solidariedade que se constroem no processo de *seguir barragens*. A partir deste estudo, vislumbraram-se diferentes modos de ser homem, apesar de existirem modelos hegemônicos de masculinidades conectados à matriz heteronormativa, os quais entram em tensão e se reformulam de acordo com os marcadores sociais em questão (origem, escolaridade, idade), a época, o local e as relações que se estabelecem dentro da continuidade e da estabilidade que se constrói na itinerância dos/as seguidores/as de barragens.

As quais podem estar ligadas as vulnerabilidades de alguma condições masculinas decorrentes do trabalho pesado e das práticas sexuais sem prevenção, como apontaram os estudos de Leal (2008) com os caminhoneiros, e de Barrientos (2005) e Eckert (2001) como os trabalhadores de minas. Segundo Leal (2008) de que as populações em trânsito seriam as mais

⁴ Aqui o entrevistado cita o nome da construtora.



vulneráveis em relação às DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis) e AIDS (Síndrome da Imuno Deficiência Adquirida).

Abordar somente as vulnerabilidades desta trajetória generificada, seria reduzir o espaço de interação e de homossociabilidade que se constrói entre estes homens. As relações nos alojamentos e canteiros de obras são marcados por uma série de questões que perpassam pelas hierarquias dos postos de trabalho, pelos modelos de família e de relações que se estabelecem em casa bloco e quarto de alojamento, mas que são maçados principalmente pelas marcas da regionalização dos trabalhadores.

Estes homens alojados não estão aleatoriamente dispostos nos quartos. Geralmente se distribuem conforme suas origens regionais e seus postos de trabalho. Conforme os relatos a seguir, eles mostram que existem vários tipos de homens alojados segundo os marcadores sociais que ocupam, como, neste caso em particular, a regionalização:

Só homem as coisa são bem diferente, muitas das vezes a gente ouve falar palavras que a gente não desejaria ouvir, e que hoje tem pessoas,... **aqui onde a gente convive tem um local onde tem todo o tipo de gente, né? É maranhense, cearense, piauiense, e enfim, os gaúcho, os catarinense, enfim... Só que de todo este tipo de gente, tem gente de toda a forma,** tem o bom, o ruim, o assassino. (Grifos meus).

Por mais que exista uma tentativa entre os trabalhadores barrageiros e da própria administração dos alojamentos em organizá-los conforme uma divisão regional, nem sempre esta distribuição é possível, uma vez que precisa haver adequação às demandas de trabalho. Os contratos - “*fichamentos*” - vão ocorrendo e nem todos conhecidos e conterrâneos chegam juntos.

Lidar com as diferenças regionais que ficam expressas nas músicas, na alimentação, no vestuário, nas diferentes formas de organizar o quarto. Tudo isto gera uma série de disputas entre estes homens no espaço de moradia.

Além destas disputas, uma das questões que muitas vezes acaba em atritos entre os alojados é o fato de os quartos não serem separados de acordo com os turnos de trabalho. O que pode gerar problemas no sono, de acordo com os estudos Losicer (2001) nas plataformas de petróleo, pois cada um tem um horário que pode interromper o descanso dos demais trabalhadores.

“Eu saio e volto, saio e volto.” - Para onde ir – Seguir Barragens

Apesar da rotatividade destes homens eles se mantêm acompanhando as obras. Então, eles se conhecem e se reconhecem e vão tornando aquele lugar da obra um lugar possível para existirem e se constituírem como sujeitos. Mesmo que a vida destes homens alojados que se deparam com incertezas sobre o que vão fazer quando a construção acabar, para que outro lugar vão ir, como vai



ser este outro lugar. A partir das conversas informais que tive no campo, alguns deles já estavam se mudando para outra obra. Então eles diziam um ao outro e até para mim que estava ali por um período curto: “*Quem sabe nos encontramos na [Obra Tal]*”⁵”(Diário de campo). Esta frase diz sobre a continuidade daquele espaço que é referência para a produção destes sujeitos, mesmo que alguns trabalhadores acabem voltando por um tempo para suas famílias e depois voltem a “fichar” e “seguir barragens”, passando pelo seguro desemprego, como aparece nesta fala: “[...] eu saio e volto, saio e volto.”

O processo de desmobilização é o processo de saída dos trabalhadores e recolhimento dos materiais, aonde vai se processando um novo deslocamento para outra obra. Tomo a desmobilização como o deslocamento que se produz para que esta obra e estas vidas fossem/sejam possíveis, há um processo quase que contínuo de construção, desconstrução e reconstrução – é um processo em transito, não transitório, mas que vai marcando os percursos destes homens.

Referencias Bibliográficas

- BARRIENTOS, Jaime. **Comportamiento Sexual en La ciudad de Antofagasta**. Informe 2005. Ordhum. Universidade Católica del Norte, Antofagasta, Chile, 2005. Disponível em: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/J/Jaime_Barrientos_Delgado_28.pdf Acesso em: 29 jun. 2008.
- BUTLER, Judith. Diagnosticando o gênero. Tradução: André Rios. Revisão Técnica: Márcia Arán. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 19 [1]: 95-126, 2009.
- _____. **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- _____. Subjection, resistance, resignification: between Freud and Foucault. In: **The Psychic Life of Power**. Stanford University Press. Stanford – CA, 1997. p. 83-105.
- _____. **Undoing Gender**. New York, Routledge, 2004.
- ECKERT, Cornélia. Do corpo dilapidado à memória re-encantada. In: LEAL, O. F. (Org). **Corpo e significado**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001. p.163-188.
- Foucault, Michel. Em Defesa da Sociedade. **Curso no Collège de France (1976-1977)**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- LEAL, Andrea Fachel. "No peito e na raça" - a construção da vulnerabilidade de caminhoneiros: um estudo antropológico de políticas públicas para HIV/AIDS no sul do

⁵ Uso “Obra Tal” para não identificar o local, mas tratavam-se de duas obras que estavam em fase inicial no Norte do País.



Brasil. 2008. Porto Alegre: Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, 2008.

LOSICER, Eduardo. **Caso clínico em alto mar Abrindo a 'caixa preta' da p-36.** Disponível em: http://www.estadosgerais.org/encontro/caso_clinico.shtml, 2001. Acesso em: 01 set. 2008.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos feministas**, v. 2., 2001.